

ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DE PERUS

por Elcio Siqueira

Bacharel em História pela USP
janeiro/93

I - Introdução

Quando nos referimos a "Perus" nesse texto, estamos querendo falar do núcleo urbano existente em torno da Fábrica de Cimento e da Estação Perus da CBTU/RFFSA excluindo as demais localidades abrangidas pela Administração Regional com o mesmo nome. A região do Parque Anhanguera/Morro Doce não tem praticamente nenhuma ligação histórica substancial com o núcleo mais antigo do bairro; o mesmo ocorre com a 3ª Gleba do Jardim d'Abril que é, na verdade, uma extensão de Jaraguá. Essas áreas estão incluídas nos limites da Administração Regional de Perus por simples questões administrativas.

II - O núcleo em torno da Fábrica de Cimento

Perus era uma área muito pouco povoada em meados do século passado. Do século XVI à passagem do século XVIII para o XIX, a região era conhecida como "Ajuá" (nome de uma plantinha espinhuda que dá um frutinho arredondado cuja cor varia do laranja ao vermelho). Desde o século passado, "Ajuá" passou a se chamar "Perus" que é uma derivação de "pi-ru" ("pôr-se apertado" em guarani, língua falada nas ruas da capital até o século XVIII junto com o português trazido pelos colonizadores).

Em 1867, foi inaugurada a Estação "de Os Perus" (conforme carimbo da época em poder do Sr. Demetrio Vidal Lopes, Historiador de Perus) ao lado de um pequeno agrupamento de casas que servia como ponto de parada e repouso de condutores de tropas de burros de carga que se dirigiam do interior para a capital da então província de São Paulo. Uma lembrança dessa época é a pequena avenida que liga Perus a Jaraguá passando ao lado do Aterro Sanitário ("lixão") que ainda hoje se chama Estrada São Paulo-Jundiaí. Existia também uma fazenda do nome Perus cuja sede ainda pode ser vista ao lado dos trilhos da RFFSA um pouco depois de passar pelo túnel próximo à Estação indo rumo ao interior.

A inauguração da Estação Ferroviária, junto com a Estação da Luz e todo o restante da São Paulo Railway (atual Estrada de Ferro Santos-Jundiaí), em 1867 foi seguida da vinda de novas famílias para Perus conforme relatado pelo professor Carlos Baquer de Souza em "Alguns Apontamentos sobre a História de Perus".

Em 1890, foi criada a Companhia Melhoramentos com o objetivo de plantar pinheiros e eucaliptos para alimentar a indústria de papel. A empresa utiliza tanto terras próprias como áreas arrendadas e limitou bastante a abertura de loteamentos em Perus pois praticamente todo o bairro já esteve coberto por suas árvores.

Em 1910, um grupo de empresários liderado pelo advogado Dr. Sylvio de Campos e pelos Sr.'s Arthur Jambeiro Costa e Clemente Neidhart obteve autorização do governo estadual para a construção de uma ferrovia que ligaria a Estação de Perus ao município de Pirapora do Bom Jesus principalmente para levar romeiros a este santuário. Para tanto, foi criada a Companhia Industrial Estrada de Ferro Perus-Pirapora(CIEFPP) nesse mesmo ano.

Todavia, o objetivo real era uma estrada de ferro que desse acesso a enormes reservas de calcário existentes em Cajamar que, então, era uma distante e praticamente despovoada região do antigo município de Santana do Parnaíba. Ali seriam instalados pequenos fornos para produzir cimento e cal a partir do calcário. As autoridades estaduais, entretanto, dificilmente concederiam licença a um projeto tão restrito, daí porque incluir Pirapora no pedido. Mesmo assim, a ferrovia nunca chegou a Pirapora, tendo desviado-se para o Norte na altura do quilômetro 16 rumo às pedreiras de calcário. Tudo isso está relatado no "Histórico Dirigido" em "Estrada de Ferro Perus-Pirapora: uma proposta de revitalização"(diversos autores, São Paulo, Editora Marca d'Água, 1991, páginas 48 a 54). Em 1914, a Perus-Pirapora foi finalmente inaugurada.

O que há de tão interessante no calcário, matéria-prima básica do cimento e do cal? Primeiramente, devemos considerar que a cidade de São Paulo teve uma fantástica aceleração de crescimento a partir do final do século passado. Basta ver dados do Historiador Caio Prado Junior em "A Cidade de São Paulo - geografia e história"(São Paulo, Editora Brasiliense, 1989, 2ª edição, pg.60):

<u>ano</u>	<u>total de habitantes da capital paulista</u>
1872	31.385
1890	64.934
1900	239.820
1920	579.033
1940	1.318.539
1950	2.227.512

Ora, uma cidade tão grande é composta por grandes edifícios, galpões industriais, redes de coleta de esgoto e águas de chuva etc. Tudo exige cimento e estru-

Por outro lado, há muitos problemas quando se depende do cimento vindo de outros países pois esse material em muito pouco tempo torna-se inadequado para uso. Não existia indústria desse produto no Brasil no começo do século. Mas, por que Perus e Cajamar?

Nosse município situam-se as únicas reservas de calcário para cimento existentes próximo à capital do Estado. Segundo o Plano Diretor de Mineração da Grande São Paulo (Volume I, pg. 102) há ainda 29 milhões de toneladas desse minério em Cajamar à espera de extração. Além disso, o calcário cajamarense é de qualidade extremamente boa, um dos melhores do mundo.

Assim, torna-se fácil compreender porque foram criadas a Companhia Industrial Estrada de Ferro Perus-Pirapora (CIEFPP) em 1910 e a Companhia de Cimento Portland Perus em 1924 que transferiu a produção de cimento de Cajamar para a indústria instalada em Perus que começou a funcionar a partir de 1926. A nova Companhia resultou de uma associação dos antigos proprietários da CIEFPP com a empresa canadense (Drysdale and Pease, de Montreal). Em 1951, Fábrica, Ferrovia e Minas de Calcário foram compradas pelo Sr. José João Abdalla, deputado federal, Secretário do Trabalho do Governador de São Paulo e proprietário de grande número de empresas.

Data justamente dos anos 20 um anel de vilas de trabalhadores ao redor da Fábrica de Cimento: Vila Triângulo, Vila Operária, Vila Inácio e Vila Hungareza. Esta última recebeu esse nome porque o grupo inicial de moradores era formado basicamente por funcionários do setor de ensacamento da Fábrica que eram, em sua maioria, imigrantes vindos da Europa Oriental (tchecos, húngaros, etc).

Na passagem dos anos 50 para os 60, instalou-se um loteamento de classe média perto da Estação (a Vila Perus) ampliado depois pela Vila Nova Perus, loteada e vendida nos anos 70. Dos anos 60, são o Jardim do Russo, a Vila Malvina, o Jardim São Paulo, a Vila Flamengo (1ª etapa, ao lado da Vila Hungareza), Vila Caiuba e Vila Osana. Na década de 80, uma nova leva: Vila Bottoni, Jardim Adelfiori e Jardim De Vecchi. Em 1991, é iniciado um projeto habitacional pela Prefeitura de São Paulo e pelo movimento dos Sem Terra ao lado da Vila Perus.

A Fábrica de Cimento (desativada mais ou menos em 1986) não apenas era fonte de empregos como também provocava grandes transtornos por causa do permanente lançamento de pó-de-cimento pelas suas chaminés. O preço dos terrenos, conseqüentemente, tornou-se muito baixo em Perus atraindo mais e mais trabalhadores. Porém, o pó não afetava o bairro do mesmo modo. Havia um bosque ao lado de onde hoje é a EEPSC Brigadeiro Caviano Peixoto que reduzia a cota de incômodos dos moradores da Vila Perus que, mesmo assim, ainda era grande. O pior era no Jardim do Russo, onde caía a maior parte do cimen-

Nessas condições, é natural que o Jardim do Russo tenha recebido o principal contingente de população carente vinda para Perus. Foi justamente este setor o grande afetado pela construção da Rodovia dos Bandeirantes, inaugurada em 1973. Para a sua passagem por Perus, metade da Vila Inácio e parcela significativa do Jardim do Russo teve os seus moradores simplesmente expulsos ou desapropriados com indenizações baixíssimas. Uma parte da Vila Inácio ficou isolada no outro lado da pista formando a atual Vila Santa Gertrudes. Entre os expulsos e desapropriados, muitos não tiveram outra alternativa e acabaram iniciando, no próprio Jardim do Russo, o processo de formação de favelas em Perus. Das 10 favelas existentes em Perus, seis estão no "Russo" e uma sétima (o Recanto dos Humildes, Vila Perus) surgiu a partir da remoção de vítimas de desabamentos e enchentes ocorridas na Favela Bamburral. Além desta, a maioria das áreas de risco também situa-se no Jardim do Russo.

O Jardim Adelfiori também é muito problemático. É um dos casos clássicos de loteamento irregular, feito sem as mínimas condições de segurança, tendo sido palco de grande número de casos de desabamento e interdição de residências. Esse problema foi superado com o recente programa de obras acertado entre a Prefeitura de São Paulo e os loteadores. Igualmente em más condições é a 2ª etapa da Vila Flamengo (próxima à Delegacia) instalada nos anos 80.

A História do bairro é fortemente marcada pelos movimentos populares. Além do importantíssimo movimento dos "queixadas" (apelido dos operários da Fábrica de Cimento, Estrada de Ferro Perus-Pirapora e minas de calcário), podemos destacar:

- 1954 - Ligação da luz elétrica por iniciativa da Sociedade Amigos de Perus. Até então, apenas a Fábrica dispunha de eletricidade no bairro;
- 1958 - Derrota da proposta de transformação de Perus em município graças a campanha puxada pelos "Queixadas";
- 1973 - Passcata lança o movimento contra o pó-de-cimento, pela instalação de filtros na Fábrica;
- 1980 - Fim do pó de cimento.

Vale a pena, ainda, mencionar o trabalho da Igreja Católica e das Comunidades de base responsáveis pelo fornecimento de água no Jardim do Russo via poço artesiano, criação da primeira creche de Perus e dos Centros de Juventude e organização dos moradores da maioria das favelas. Também não podemos deixar de dizer que o Parque Anhanguera (o maior da cidade com 9,6 quilômetros quadrados) é o antigo Sítio Santa Fé, fazenda de propriedade do Grupo Abdalla confiscada pelo Governo Federal para cobrir inúmeras dívidas e impostos atrasados graças aos esforços dos "queixadas". No mesmo ano da desapropriação (1979) o Parque Anhanguera foi vendido para a Prefeitura de São Paulo.